



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE

CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES

UNIDADE ACADÊMICA DE LETRAS

II CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM LÍNGUA PORTUGUESA

INACIO FRANCISCO TEIXEIRA SILVA

TEORIA DOS GRAFOS: Implicações para o ensino de língua portuguesa

CAJAZEIRAS – PB

2012

INACIO FRANCISCO TEIXEIRA SILVA

TEORIA DOS GRAFOS: Implicações para o ensino de língua portuguesa

Monografia apresentada ao II Curso de Especialização em Língua Portuguesa, da Unidade Acadêmica de Letras do Centro de Formação de Professores da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Língua Portuguesa.

Orientador: Prof. Dr. Onireves Monteiro de Castro

CAJAZEIRAS – PB

2012



Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação - (CIP)
Denize Santos Saraiva Lourenço - Bibliotecária CRB/15-1096
Cajazeiras - Paraíba

S586t Silva, Inacio Francisco Teixeira
Teoria dos grafos: implicações para o ensino de
língua portuguesa./Inacio Francisco Teixeira Silva.
Cajazeiras, 2013.
30f. : il.

Orientador: Onireves Monteiro de Castro.
Monografia (Especialização) – UFCC/CFP

1.Sintaxe. 2. Teoria dos grafos. 3.Língua portuguesa
– estudo e ensino. I. Castro, Onireves Monteiro de,
II.Título.

UFCC/CFP/BS

CDU- 81'367

INACIO FRANCISCO TEIXEIRA SILVA

**TEORIA DOS GRAFOS:
IMPLICAÇÕES PARA O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA**

Monografia apresentada ao II Curso de Especialização em Língua Portuguesa, da Unidade Acadêmica de Letras do Centro de Formação de Professores da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Língua Portuguesa.

Aprovada em 13 / 12 / 2012

BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Oníreves Monteiro de Castro - Orientador



Profa. Dra. Hérica Paiva Pereira - Examinadora

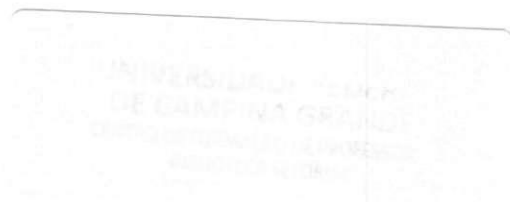


Prof. Ms. Magnay Erick Cavalcante Soares – Examinador

UNIVERSIDADE FEDERAL
DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE
PROFESSORES

Aos meus pais, Maria Francisca da Silva e Francisco Teixeira

COM AMOR, DEDICO.



AGRADECIMENTOS

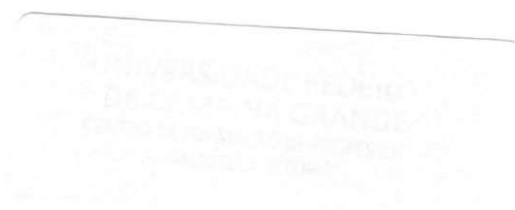
À Deus, por mais um sonho realizado.

Ao Prof. Dr. Onireves Monteiro de Castro, pela orientação.

Aos professores das disciplinas ofertadas, pelas significativas contribuições teóricas - metodológicas.

Às colegas Marilene e Polliana, pela comunhão de utopias.

À UFCG, pela oportunidade de realizar este curso.



RESUMO

O presente trabalho é eminentemente bibliográfico e tem como objetivo apresentar a TEORIA DOS GRAFOS e suas implicações pedagógicas para o ensino de sintaxe. Objetivamos ainda analisar e refletir sobre as concepções teóricas subjacentes ao ensino da sintaxe, uma vez que acreditamos que cada concepção determina a maneira de se trabalhar a língua. Antes, porém, julgamos necessário fazer uma descrição prévia do conceito de língua, como também apresentar os conceitos fundamentais de sintaxe. Como suporte teórico, utilizaremos os trabalhos de Borba (1984), Azeredo (2000), Perini (1976) e Travaglia. Para tanto, nossa estratégia será a seguinte: na primeira parte, faremos um breve resumo sobre os conceitos fundamentais de sintaxe, considerando as perspectivas tradicional, psicológica, estrutural e transformacional, passaremos, então, à segunda seção, onde apresentaremos as abordagens estruturalista e funcionalista, contrapondo o modelo de análise sintática de cada corrente a fim de determinarmos as interferências positivas e negativas de cada abordagem e, por fim, na terceira seção, apresentaremos a Teoria dos Grafos, destacando as implicações pedagógicas para o ensino de sintaxe.

Palavras – chave: Sintaxe. Ensino. Teoria dos Grafos.

ABSTRACT

The present work is eminently bibliographic (literature) and aims to present a graph theory and its pedagogical implications for teaching syntax. We aimed to further analyze and reflect on the theoretical concepts underlying the teaching of syntax, since we believe that each design determines the way to work the language. First, however, we deem necessary prior to a description of the concept of language, but also present the basic concepts of syntax. Theoretical support, use the works of Borba (1984), Azeredo (2000), Perini (1976) and Travaglia. In order to do that, our strategy is as follows: the first part is a brief summary of the fundamental concepts of syntax, considering the traditional perspectives, psychological, structural and transformational pass, then the second section, where we present the structuralist and functionalist approaches, comparing the model parsing of each stream in order to determine the positive and negative interference of each approach and, finally, the third section, we present the theory of graphs, highlighting the pedagogical implications for teaching syntax.

Key words: Syntax, Teaching and Graph Teory.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	08
2	CONCEITOS FUNDAMENTAIS DE SINTAXE	10
	2.1 Sintaxe Psicológica	11
	2.2 Sintaxe Estrutural.....	12
	2.3 Sintaxe Transformacional.....	13
3	SINTAXE EM FOCO: Esboço dos modelos formalista e funcionalista de análise linguística...	14
	3.1 Modelos Sintáticos Funcionais.....	18
4	LÍNGUA, SINTAXE E ENSINO.....	20
5	SINTAXE E TEORIA DOS GRAFOS	24
	5.1 Grafo de Trajetória Cíclica.....	24
	5.2 Árvores	25
	5.3 Diagramas.....	26
	5.4 Caixa de Hockett.....	26
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	28
7	REFERENCIAL BIBLIOGRÁFICO.....	32

1 – INTRODUÇÃO

As pesquisas que se voltam para o ensino de língua portuguesa pouco ou quase não contemplam a sintaxe, uma vez que grande parte dos estudos situa suas reflexões em torno da gramática de maneira geral. É indiscutível, no entanto, a importância da sintaxe para o ensino e aprendizagem de língua materna, pois sendo a língua um sistema de signos que comporta regras estruturais, é de fundamental importância conhecer essas regras, sua organização e seu funcionamento.

No contexto do ensino tradicional, a Sintaxe é vista como parte do estudo da gramática que tem como objetivo analisar as estruturas oracionais e classificá-las. Dessa forma, muitos alunos exigem dos professores respostas pontuais quanto às seguintes questões: Qual a finalidade de estudar a estrutura da sentença e conhecer a nomenclatura gramatical? De que maneira esses conhecimentos serão válidos para o desenvolvimento da competência linguística dos usuários da língua? Tais questionamentos põem em dúvida a relevância do ensino da sintaxe, o que leva os alunos a rejeitarem o ensino da gramática, mas precisamente, o da sintaxe, ainda mais quando este ensino acontece de maneira mecânica e descontextualizada. No entanto, o conhecimento linguístico constitui uma competência necessária, pois a linguagem permeia todas as atividades humanas e é por meio dela que os sujeitos interagem entre si, defendem seus pontos de vistas, expressam suas ideologias, alteram a opinião de seus interlocutores ou são modificados pela opinião deles. As formas linguísticas são elaboradas para atender às necessidades comunicativas do falante, cujas intenções podem ser de argumentar, descrever, ordenar, pedir, entre outras ações.

Todas essas formas linguísticas obedecem a regras combinatórias que exigem dos falantes a competência para estruturá-las. O conhecimento sistemático dessas regras, fruto da exploração de atividades epilinguísticas, da reflexão sobre os fatos linguísticos e até da metalinguagem, conduz ao aprimoramento da escrita, pois se não fossem as regras gramaticais e textuais não haveria parâmetros para avaliar a inteligibilidade dos textos, e se não analisássemos as formas também não descobriríamos as razões das escolhas dos falantes.

A importância e a necessidade de se conhecer a estrutura e funcionamento da língua implicam, do ponto de vista de quem lida com a instrução, conhecimentos sobre as regras que a língua impõe aos seus usuários. Nesse sentido, como referencial de instrução, surge a

sintaxe, como parte do sistema da língua, que estuda os arranjos entre os constituintes – seja no plano da palavra, da frase ou do texto.

O presente trabalho é eminentemente bibliográfico cujo objetivo é apresentar a Teoria dos Grafos e suas implicações pedagógicas para o ensino da sintaxe, bem como analisar e refletir sobre as concepções teóricas subjacentes ao ensino da sintaxe, uma vez que acreditamos que elas determinam a metodologia de se trabalhar o conteúdo, isto é, a sintaxe.

À luz de Borba (1984), temos a pretensão de enveredarmos nas especificidades teorias e metodológicas das várias correntes que configuram o ensino da sintaxe, a fim de contrapor o modelo de análise sintática no contexto escolar dito tradicional e o modelo a que se atribui o rótulo de inovador. Assim, apresentaremos as perspectivas formal e funcional, cujo arcabouço teórico dá sustentação à prática pedagógica, mostrando como se realiza a descrição em cada uma das abordagens. Além de Borba, como suporte teórico, utilizaremos os trabalhos de Azeredo (2000), Perini (1976) e Travaglia (1996).

O nosso trabalho monográfico está ordenado em três partes. Em princípio, faremos um breve resumo sobre os conceitos fundamentais de sintaxe, considerando as perspectivas: tradicional, psicológica, estrutural e transformacional. Nesse momento, tratamos de considerar a sintaxe estrutural como singular para uma série de possibilidades instrutivas em termos da educação formal e, para tanto, nos pautamos por mostrar, em linhas gerais, os modelos formalista e funcionalista que marcaram os estudos antecedentes do que consideramos hoje sintaxe estrutural.

Num segundo momento, tratamos mais especialmente dos constituintes da sintaxe da língua e suas manifestações mais evidentes no ensino de língua materna. Aqui, são apontadas, mesmo que de forma ampla, uma série de pequenas considerações sobre o que se tem posto em termos de ensino de gramática da língua no ambiente escolar.

Antecedendo aos nossos pressupostos conclusivos, fazemos conhecer o que é e como se manifesta a Teoria dos Grafos. Suas implicações reais para o ensino formal serão mostradas em face ao que consideramos importante para o educador, isto é, o mediador do conhecimento sobre a língua em contexto de interação com os educandos.

Por fim, o nosso texto dará a conhecer o que supomos serem algumas implicações pedagógicas para o uso de grafos no sistema formal de ensino, quando de nossas conclusões sobre o estudo em foco.

2 – CONCEITOS FUNDAMENTAIS DE SINTAXE

A sintaxe constitui um dos aspectos dos estudos linguísticos que comporta várias correntes teóricas (psicológica, estrutural, transformacional) e diferentes modelos de descrição sintática. Antes de qualquer descrição de modelos sintáticos é preciso ficar claro que a sintaxe estuda os arranjos entre os constituintes – seja no plano da palavra, da frase ou do texto. Azeredo (1995) define sintaxe como “parte do sistema da língua que permite criar e interpretar frases, mas [...], a sintaxe não explica tudo na criação e interpretação de frases”. De fato, a sintaxe não explica tudo, isso porque há enunciados que significam muito mais do que está dito em construções linguísticas, isto é, o significado das estruturas linguísticas depende não só dos aspectos lexicais e sintáticos, mas do contexto em que foram produzidos. Sob essa ótica, Azeredo considera que:

A linguagem, porém é muito mais do que articular sons e combinar palavras; além de ter uma estrutura extraordinariamente complexa que envolve sons, palavras e frases, seu uso nas múltiplas situações reflete condicionamentos psicológicos, sociais e culturais. Por outro lado, o ato de dizer/escrever se dá em um contexto que inclui ouvinte/leitor, assunto, tempo, espaço. Quem diz/escreve normalmente o faz buscando a comunicação e só excepcionalmente ou maldosamente evitando-a. (AZEREDO, 2000, P. 09)

Tal afirmação orienta-nos para compreender que a sintaxe sozinha não explica tudo na construção e interpretação das estruturas linguísticas, pois nem tudo que o enunciado deixa ou faz entender se acha explícito nele. Dessa forma, não concebemos a sintaxe de maneira autônoma, desvinculada dos reais fatos da língua e dos aspectos pragmáticos e textuais, como também não acreditamos na eficácia do ensino de língua fundamentado essencialmente na metalinguagem, que tem como núcleo central a gramática, ou mais especificamente, a sintaxe como conteúdo predominante, desvinculado de situações comunicativas reais. Defendemos uma concepção de língua dialógica, interacionista e um ensino capaz de transpor o nível frasal e incluir fatores como o texto, o contexto, as intenções do falante, a argumentatividade, bem

como as condições de produção do discurso: tempo, lugar, papéis representados pelos interlocutores.

Nas gramáticas normativas, de maneira geral, a sintaxe está relacionada aos elementos constitutivos teóricos sobre a frase e sua estrutura analítica. Assim, não existe uma determinação conceitual do que seja, de fato, a sintaxe ou mesmo do que a ela esteja agregado como condição para o estudo dos elementos sintagmáticos. Seu estudo, quase sempre, inicia-se com a consideração sobre a estrutura do período: frase, oração e período, cujo objetivo é diferenciar frase, oração e período. Ataliba T. de Castilho (2010, p. 138) apresenta uma definição de sintaxe como parte de um sistema linguístico que congrega uma série de disciplinas (fonética, fonologia, morfologia) e de processos de gramaticalização e sintaticização, a partir dos quais as propriedades sintático-gramaticais das sentenças implicam conjuntos de sintagmas (e por sua vez, conjuntos de funções atribuídas aos sintagmas).

Por seu turno, Borba (1979), autor de nossa ancoragem teórica, define a sintaxe a partir dos princípios discursivos da sucessão e linearidade e, assim, para conceituar a sintaxe, norteia seu pensamento tomando-a como sintaxe psicológica, estrutural e transformacional. Passemos a conhecer resumidamente os conceitos fundamentais de cada sintaxe.

2.1 Sintaxe Psicológica

Os estudos sintáticos praticamente desenvolveram-se a partir das discussões sobre o fato da gramática estabelecer ou não uma dependência em relação à lógica formal e à psicologia. Diante do fato de admitir-se que a linguagem e o pensamento formam uma unidade dialeticamente contraditória, surgiram duas correntes teóricas: a Lógica e a Psicológica.

A primeira defendia a influência do pensamento na formação, no funcionamento e na evolução da língua. A segunda tendência negava o caráter complexo da interação da linguagem e pensamento sobre a estrutura gramatical. Esse arcabouço teórico estava voltado para os conceitos e as distinções criadas pelo sistema aristotélico no qual toda palavra tem uma essência invariante ou subjacente que constitui a substância e a forma. Essa sintaxe utiliza mais frequentemente o conceito de palavra, preocupando-se também com a parte externa da organização oracional. A tarefa principal da sintaxe psicológica é fornecer uma

teoria da oração tão completa quanto possível. Nesta vertente, os conceitos de oração variam segundo as propriedades oracionais focalizadas e é frequentemente definida a partir do sentido, da função e da forma. Quando se busca as partes da oração, a palavra é o ponto de referência.

2.2 Sintaxe Estrutural

A corrente estruturalista vê a língua como organismo supraindividual, cujas peças se dispõem em inter-relações, por isso, a língua é uma estrutura ou sistema de transformações que comporta leis, conservando-se ou enriquecendo-se por seu próprio jogo de transformações, sem, contudo, desviar de suas fronteiras. Sendo dinâmica, ela é capaz de transformar-se por si mesma, possuindo o seu próprio equilíbrio. Além de tudo, ela ainda é autorregulável, no sentido de que tem leis próprias que se conservam dentro de determinados limites. Por ela ser uma estrutura, a língua também é uma forma, isto é, um veículo de uma substância que se organiza garantindo sua identidade e autonomia, tornando-se passível de abordagem científica como objeto de estudo. Ela atribui às unidades linguísticas valores e funções específicos que nascem das relações sintagmáticas e paradigmáticas.

As relações sintagmáticas resultam das possibilidades combinatórias de unidades que, associando-se a partir de determinados esquemas no mesmo nível segmental, constituem umas o contexto das outras. Como a sintaxe estrutural procura compreender a natureza das relações sintáticas a partir da estrutura interna da oração, ela parte da dicotomia língua/fala, entendendo a língua como uma entidade coletiva e abstrata e a fala como sua realização individual e concreta. Sua maior preocupação é descobrir técnicas precisas de segmentação do enunciado, pois seu princípio fundamental é a análise e a segmentação. Essa sintaxe representa um rompimento, de certo modo, com as concepções historicistas e logicistas da gramática tradicional, uma vez que os estruturalistas acreditam que cada língua tem sua forma, sua estrutura, suas categorias, às quais não se pode chegar senão pelo estabelecimento das unidades no interior de cada sistema, e das relações opostas entre essas unidades. (AZEREDO, 1995, p. 22).

Como o objetivo dos estruturalistas era analisar, ou seja, decompor todas as partes do sistema, conhecendo o funcionamento do todo, não se preocupando com as particularidades do sistema, mas só com aquilo que realmente era relevante, o método estrutural acabou

enfraquecendo a autoridade dos gramáticos que, senhores do idioma, ditavam regras de bem falar e bem escrever. Dessa maneira, os estruturalistas não construíram uma gramática, mas descobriram a gramática da língua.

2.3 Sintaxe Transformacional

Sob esse aspecto surge a sintaxe transformacional, que tem por objetivo central construir uma teoria da linguagem que seja capaz de explicar todas as facetas do comportamento linguístico dos falantes nativos de uma língua. Essa sintaxe parte do princípio de que toda a frase é uma estrutura, ou seja, “que toda a frase de uma língua consiste em uma organização, uma combinação de elementos linguísticos agrupados segundo certos princípios, que caracterizam como estrutura”. (KOCH & SOUZA E SILVA, 2000)

Para Chomsky, a tarefa da sintaxe era descrever a competência do falante, sua gramática, isto é, a capacidade que todos os falantes/ouvintes têm de produzir e compreender todas as frases da língua. Nessa capacidade incluiu um saber que os falantes têm de separar frases que pertencem a língua das que não pertencem. Partindo dessa capacidade, Chomsky define a língua como um conjunto infinito de frases governadas por regras. Segundo Chomsky, os falantes interiorizam um conjunto de regras que os torna aptos a produzir frases. Dessa forma, ele elege a Gramática Transformacional como a mais adequada, a que melhor responde às exigências necessárias para dar conta das estruturas sintáticas da linguagem. (ORLANDI, 2007, p. 41-42).

A priori, o linguista propõe que a gramática transformacional tenha dois tipos de regras: sintagmáticas e transformação. A primeira gera estruturas abstratas, a segunda converte essas estruturas abstratas nas sequências terminais, que são as frases da língua. Assim, chega à noção de estrutura profunda e estrutura superficial. Essas estruturas se relacionam por meio de transformações. O componente sintático é constituído pela base, que gera as estruturas profundas, e pelas transformacionais que levam às estruturas superficiais

3 – SINTAXE EM FOCO: Esboço dos modelos formalista e funcionalista de análise linguística

Ao longo das três últimas décadas de estudos linguísticos, muitos foram os modelos teóricos que se sucederam, entre eles os da linguística estrutural, do gerativismo, da pragmática, da linguística textual e da análise do discurso. As diversas teorias sinalizam caminhos opostos, mas complementares nos estudos da linguagem. Neste trabalho, temos a pretensão de enveredar nas especificidades teóricas e metodológicas das abordagens estruturalista e funcionalista, contrapondo o modelo de análise sintática de cada corrente a fim de determinarmos as interferências positivas e negativas de cada abordagem para o ensino da sintaxe.

Um dos polos das investigações linguísticas é o formalista, representado pela corrente estruturalista e gerativista que priorizam a forma ou estrutura, entendendo a língua como um sistema autônomo, sem influência de fatores externos. Para o estruturalismo, conforme Azeredo (1995): “cada língua tem sua forma, sua estrutura, suas categorias, às quais não se pode chegar senão pelo estabelecimento das unidades no interior de cada sistema, e das relações opostas entre essas unidades”. Saussure, considerado o pai do Estruturalismo, conceitua a língua como um sistema de signos, isto é, um conjunto de unidades que estão organizadas formando um todo. Essa organização interna da língua a que Saussure chama de sistema, seus sucessores chamaram de estrutura.

Na dicotomia língua e fala, Saussure define a língua como um sistema abstrato, um fato social e geral. Já a fala é definida como a realização concreta da língua pelo sujeito falante, sendo circunstancial e variável, por isso exclui a fala do campo da linguística. Outra distinção proposta pelo linguista genebrino é a que separa o estudo atual do sistema da língua – sincronia, e a sucessão, no tempo, de diferentes estados da língua – diacronia. Ele também exclui a diacronia dos campos de estudos da linguística, pois julga incompatível a noção de sistema e evolução. O conceito de estrutura é assim definido como feixes de relações. Assim, se toda língua comporta regras estruturais é dever do investigador procurar no objeto da análise a sua ordem estrutural, isto é, a sua gramática.

O modelo formalista caracteriza-se por conceber a sintaxe como autônoma, independente do uso da língua, sendo esta, por sua vez tomada como algo abstrato, estático e estrutural. Incluem-se também nessa vertente os trabalhos de base gerativista, representado por Chomsky. Enquanto Saussure toma o sintagma como objeto de estudo das investigações

linguísticas, Chomsky introduz a frase como unidade de análise. O primeiro apresenta as dicotomias: língua e fala, sincronia e diacronia, sintagma e paradigma; o segundo, as dicotomias: competência e desempenho, gramaticalidade, agramaticalidade, estrutura profunda e estrutura superficial.

Para o Estruturalismo, o ponto de partida deverá ser o sintagma e todas as relações sintáticas serão feitas considerando o fator tempo. Assim, de acordo com Borba (1979): “a sintaxe, por constituir-se num jogo de valores coexistentes, só pode implicar sincronia. O sincrônico é a língua em funcionamento e só a sintaxe é capaz de colocar o signo em atividade”. Percebemos, assim, que o foco da Sintaxe Estrutural é a estrutura subjacente à língua.

A gramática estrutural buscou mecanismos sólidos que contribuíssem para o ensino da língua, empenhando-se na descrição da língua usada por um indivíduo ou comunidade, apoiando-se em um método bastante rigoroso de descrição. Desse modo, buscou em seu corpus de análise segmentar a língua em fonemas, morfemas, sintagmas e orações, o que fez com que a análise se restringisse ao sistema. Pelo apego aos dados, o estruturalismo afastou-se das significações discursivas e intenções interlocutivas, o que levou Chomsky a criticar essa corrente, com sua Gramática Gerativo-Transformacional.

A diferença básica entre a corrente estruturalista e a gerativista situa-se na tese defendida por Chomsky de que o falante tem uma capacidade inata para a linguagem, isto é, todo falante domina a gramática de sua língua, as regras que permitem formular e gerar inúmeras frases, como também julgar a sua aceitabilidade. A competência linguística, na ótica de Chomsky, é o conhecimento que os falantes possuem de sua língua, de suas regras, é essa capacidade que os sujeitos têm de a partir de um número finito de regras criar um número infinito de frases. Já a noção de desempenho se relaciona ao uso efetivo da língua em situações concretas. Quanto à noção de gramaticalidade e agramaticalidade, o critério de distinção consiste na forma de organização da sentença – se a sentença obedece às regras da língua, tem-se uma sentença gramatical, se há violação dessas regras, tem-se uma sentença agramatical. Tomemos por exemplo:

01: Os menino comeu três pão

02: * Pão menino três os comeu

Percebemos que 01 viola regras de concordância, já que todos os itens lexicais deveriam estar no plural, no entanto, estamos diante de uma sentença gramatical, o que não se dá em 02 que viola a ordem dos sintagmas na sentença do português, o que torna a sentença agramatical. Dessa forma, o falante de português julga aceitável a construção 01, entretanto, estranha 02, corroborando a tese dos gerativistas de que os falantes não só são capazes de criar sentenças, como também são capazes de avaliar a sua inteligibilidade por dominar a gramática de sua língua. A violação em 01 não se relaciona à competência linguística, mas relaciona-se ao desempenho, pois o ato da fala não reflete diretamente a competência do falante.

O questionamento de Chomsky quanto ao apego aos dados pelo Estruturalismo revela que o Gerativismo viria dar um novo tratamento aos estudos linguísticos. Para Chomsky, a finalidade da gramática não é ditar normas, mas dar conta de todas as frases gramaticais da língua. Assim, o linguista pretendia que a Linguística saísse de seu estado de mera observação e classificação dos dados e partisse para uma teoria explicativa e científica. Assim, sua gramática procurou abordar a língua de uma maneira mais explícita, focalizando a competência do “falante-ouvinte ideal”. Chomsky define competência como a capacidade que todo falante/ouvinte tem de produzir/compreender todas as frases da língua. Para ele, não interessa o desempenho dos falantes, ou seja, a realização da língua em seus usos concretos.

O objetivo da gramática gerativa era, a partir da observação do modo como se articulam as sentenças, descrever as regras usadas por determinadas comunidades linguísticas. Mas, por se prender ainda a um falante ideal, e em determinadas situações serem criadas orações que não correspondiam ao uso real da língua, essa gramática deixou algumas lacunas. Apesar dos pontos de convergência entre as abordagens estruturalista e gerativista, observamos que tanto Saussure quanto Chomsky exclui do campo de estudos a fala e o seu uso, elegendo a língua, enquanto sistema abstrato, como objeto de estudo. Essas duas vertentes acabaram dando lugar a modelos, não extrapolando os limites da sentença, não abordando suas relações no interior do discurso. Nenhuma dessas gramáticas incorporou o um conceito de língua viva, associada ao universo sócio-histórico-cultural dos sujeitos que fazem uso dela.

Essa concepção de língua sobreviveu ao longo dos tempos, se perpetuou nos manuais didáticos e se faz presente nas aulas de língua portuguesa, através da gramática tradicional ou prescritiva utilizada como modelo teórico para o ensino da língua, que contempla a frase

como objeto de estudo, desvinculada do contexto de uso. Essa se ocupa mais em ditar e prescrever regras a serem seguidas, do que descrever o sistema de regras naturais de uma língua. Neste sentido, a gramática tradicional apresenta-se como um manual de regras e conceitos, esperando de seus aprendizes (falantes ideais) que ocorra uma transferência dessas regras para a fala, isto é, que haja correspondência entre competência e desempenho.

Em oposição ao modelo formalista, o Funcionalismo concebe a língua como instrumento de interação e, nesta perspectiva, a sintaxe deixa de ser vista como autônoma, já que a elaboração das sentenças resulta das escolhas dos falantes, em função de quem fala, para quem fala e da situação comunicativa. Conforme essa perspectiva, a construção das sentenças depende não apenas do sistema interno, mas também de fatores externos, contextuais, conforme Martellota e Areas (2003, p. 23):

[...] tem a forma que tem em razão das estratégias de organização, da informação empregada pelos falantes no momento da interação discursiva. Dessa maneira, para compreender o fenômeno sintático, seria preciso estudar a língua em uso, em seus contextos discursivos específicos, pois é nesse espaço que a gramática é constituída.

É neste sentido que a sintaxe deixa de ser autônoma e é vista como estrutura maleável, já que a elaboração das sentenças depende das escolhas dos falantes em função do contexto. Isso significa também que a forma que a sentença assume não tem simplesmente motivação no sistema interno, mas é reflexo de fatores contextuais e externos. Dessa forma, não basta analisar as estruturas linguísticas ou classificar as funções sintáticas dos constituintes oracionais, mas explicar todas as escolhas linguísticas no ato comunicativo.

Para o Funcionalismo, a explicação dos fatos linguísticos deve considerar o aspecto pragmático, por isso, postula-se a ideia de que a explicação desses fatos não deve ter como referência unicamente a frase, fora de seu contexto, mas o texto e o seu universo discursivo. Para comprovarmos este postulado, consideremos a explicação para o fenômeno da transitividade verbal. Tradicionalmente, a classificação dos verbos é feita de acordo com a propriedade dos verbos, se estes exigem acompanhados de complemento são classificados como transitivos, se não, como intransitivos. Contrariamente à gramática tradicional, uma

análise funcionalista explica a transitividade não com base nas propriedades do verbo, mas considera a totalidade da oração.

3.1 Modelos Sintáticos Funcionais

A Linguística Estrutural opera com vários conceitos de descrição. Para tratar dos modelos sintáticos funcionais (descritivos), propostos a partir de Martinet, Tesnière e Pixe, Borba (1979) apresenta como discussão inicial o conceito de descrição. Nesse sentido, o autor traz um conceito de base europeia e outro de base americana.

Martinet com fundamentos europeus define a descrição como a determinação das particularidades de uma língua em relação às outras, ficando, pois, excluídos os traços comuns a todas as línguas. Por sua vez, a definição americana traz a descrição como sendo “a busca de princípios de regularidade subjacentes aos atos de fala” (p. 95). Harris compreende a descrição como a procura, na complexidade e variedade da atividade linguística, pelos traços pertinentes e comuns a todos os falantes. Borba declara que toda e qualquer descrição deve concentrar-se a um determinado estado da língua, portanto, a descrição precisa partir de um olhar sincrônico.

O modelo, na Linguística Estrutural, compreende a um sistema de referência, que controla fases da descrição para que, assim, se estabeleça os resultados dessa descrição. Dessa forma, o modelo “torna-se um guia para a análise do material linguístico disponível” (BORBA, 1979 p.96). Borba traz cinco propriedades preferenciais que, segundo ele, o modelo descritivo deve preencher, a saber: i) Generalidade; ii) Especificidade; iii) Inclusividade; iv) Produtividade; e v) Eficiência. Na escolha de um modelo, este deve atender o maior número dessas propriedades.

A Sintaxe Estrutural, pela sua natureza e embasamento teórico, ramifica-se em duas direções: a funcional e a distribucional. A sintaxe funcional surge no contexto centrado na atividade sintagmática. Passa-se a se considerar a investigação dos vários tipos de predicação. Vale aqui lembrar o Círculo Linguístico de Praga que tinha como preocupação fundamental considerar a língua como um sistema funcional, observando, na linguagem, a intenção do falante.

Martinet assume uma posição teórica realista e funcionalista, pois tanto tem como foco os dados concretos, como também prioriza o aspecto da função. Portanto, para Borba, “Martinet é um estruturalista porque função implica estrutura”. (BORBA, 1979, p.100). A sua *Sintaxe Funcional* é construída com base em três princípios fundamentais: i) o da análise da experiência; ii) o da autonomia; e iii) o da normalidade. A função por Martinet recebe dois conceitos distintos: a) comum, e b) derivado da terminologia tradicional e aplicado aos monemas. “Cada escolha distinta do falante corresponde a uma função diferente.” (p. 102). André Martinet toma como foco as unidades sintáticas, para assim, classificá-las pela sua autonomia e pela sua função. Pelo critério de autonomia podemos observar cinco tipos de unidades sintáticas: i) monemas autônomos; ii) monemas não autônomos; iii) monemas funcionais; iv) monemas predicativos; e v) modalidades. Com relação à função, as unidades podem ser observadas como primárias ou nucleares e marginais (ou determinantes). Tal distinção é considerada por Borba uma diferença no modo de relação com o predicado. Com relação à hierarquia sintática, Martinet admite a distinção de três níveis: 1) o dos monemas autônomos (ex.: ontem); 2) o dos sintagmas autônomos (ex.: Sintagma Adv); e 3) o do enunciado mínimo (sujeito e predicado).

O ensino de línguas e a construção de gramáticas escolares foram objetivos práticos de Tesnière, porém, o seu desejo maior era chegar a uma *Sintaxe Geral* e técnica de análise universal. Para Tesnière, a sintaxe é o estudo da frase e esta é um conjunto organizado cujos componentes são as palavras e cujo elemento básico é a conexão entre os componentes. Aqui, o nó (noeud) e o núcleo (nucléus) são colocados como componentes centrais das frases e as formas (externa e interna) são elementos, também constitutivos das orações. Além, disso, caso trate das categorias gramaticais ou das funções, a sintaxe pode ser estática ou dinâmica. Os verbos, os actantes e os circunstantes são os membros estruturais de uma frase simples que pelos mecanismos da junção e da translação se complicam.

Para Tesnière, a função é o papel que a palavra exerce no mecanismo de expressão do pensamento, e estrutura é a disposição hierárquica dos componentes, então, a função é a razão de ser da estrutura. (BORBA, 1979, p. 105). A gramática translativa de Tesnière limita-se ao exagero dos dados e, portanto, a falta de princípios gerais.

A sintaxe tagmêmica de Pike apresentada por Borba traz, a partir da visão do autor, uma abordagem concisa da teoria proposta por Pike no que concerne a análise tagmêmica. Esta, criada nos anos 50, consiste numa técnica de descrição linguística que toma como ponto inicial a posição das unidades no enunciado. O tagmema que, por sua vez, constitui a sintaxe tagmêmica nada mais é do que uma “correlação entre uma função gramatical e uma classe de itens lexicais” (p. 113). Para Pike, os tagmemas funcionais nos vários níveis da estrutura gramatical, sendo os tagmêmas um conceito abstrato, cujo elemento concreto, de fato, chama-se tagma, que os concretiza em alotagmas. Os tagmemas assumem diversos graus de diversas importâncias. Para que possa existir a possibilidade de uma análise tagmêmica faz-se necessário estabelecer contrastes entre forma e função, sendo necessário o isolamento de formas e estruturas.

Essas sintaxes apesar de apresentarem diferenças em vários pontos, foram desenvolvidas com o propósito comum de descrever a língua funcionalmente por meio da análise de suas unidades estruturais. Nesses modelos descritivos, observamos análises que se complementam, mesmo com as diferenças, muitas vezes gritantes entre as abordagens, no entanto, o ponto de vista de cada um fez com que certas lacunas pudessem ser preenchidas e discutidas com maior profundidade. É inquestionável a contribuição legada pelos funcionalistas da Sintaxe estrutural, em especial, pelos aqui apresentados.

4 – LÍNGUA, SINTAXE E ENSINO.

A linguagem perpassa todas as atividades humanas. É uma atividade essencialmente humana, histórica e social e é por meio dela que os sujeitos interagem entre si, defendem seus pontos de vistas, expressam suas ideologias, alteram a opinião de seus interlocutores ou são modificados pela opinião deles. Além disso, a linguagem, seja oral ou escrita, é uma ferramenta indispensável para construção de conhecimento. Neste sentido, o ensino de língua constitui um momento em que os falantes ampliam e desenvolvem sua competência comunicativa.

O desenvolvimento do saber linguístico implica não só conhecer a língua, sua estrutura, mas utilizá-la adequadamente nas diversas situações comunicativas. O ensino de língua portuguesa, por sua vez, destina-se a preparar o aluno para lidar com a linguagem, em suas diversas situações de uso no intuito de levá-los a compreender e usar a língua materna

como geradora de significados. No entanto, sabe-se que o ensino de língua materna vem sendo feito de modo engessado, por meio de práticas cristalizadas, que se voltam quase exclusivamente à classificação gramatical (morfologia e sintática), feita de forma descontextualizada, desvinculada dos usos reais da língua.

O ensino tradicional deu uma ênfase muito grande à metalinguagem, que tem como núcleo central a gramática, ou mais especificamente, a sintaxe como conteúdo predominante, desvinculado de situações comunicativas reais. Assim, a gramática tradicional procurou, ao longo dos tempos, impor regras, tornando-se prescritiva e afastando da linguagem em uso, o que não propiciou o desenvolvimento da competência comunicativa dos alunos. Essa concepção tradicional ainda se faz presente no contexto escolar, refletidas nos métodos de ensino adotados por educadores e registrada, não rara às vezes, nos livros didáticos que não valorizam a língua em uso.

Até hoje, observa-se no âmbito escolar uma tendência a explorar exaustivamente aspectos relacionados à gramática teórico-normativa. Os livros utilizados refletem um ensino pautado na descrição de elementos linguísticos, nas nomenclaturas e nas regras gramaticais, cuja concepção de língua se limita ao código linguístico e a concepção de ensino volta-se, em grande parte, para o domínio da metalinguagem em que o uso e a reflexão da língua se situam num patamar bastante marginal e deslocado do universo discurso que considera contexto e sujeito.

Entre as críticas mais dirigidas ao ensino tradicional de língua portuguesa, destacam-se: ensino descontextualizado, com ênfase na metalinguagem vinculado a memorização de regras gramaticais e a apresentação de uma teoria gramatical, sem a devida reflexão do funcionamento da língua em seus vários níveis (fonológico, morfológico, sintático, semântico e pragmático). A partir disso, produziu-se um pressuposto consensual acerca do ensino de língua portuguesa de que as práticas precisavam partir do uso (linguagem) para permitir a conquista de novas habilidades linguísticas (metalinguagem). É justamente, levando em conta tal pressuposto, que se faz necessário uma mudança no ensino de língua materna em que o objetivo desse ensino seja o desenvolvimento da competência discursiva do aluno.

Irané Antunes (2003) tece algumas reflexões sobre as práticas pedagógicas do português, e no que se refere à gramática Antunes diz que há um grande equívoco sobre o ensino gramatical. Tal ensino acontece de uma forma descontextualizada, desvinculada dos usos reais da língua escrita ou falada, voltadas somente para o estudo de regras, muitas,

atualmente, em desuso. Uma gramática inflexível, supostamente inalterável, preocupada apenas em ditar normas e regras sem se preocupar em capacitar os alunos para o exercício fluente e adequado da linguagem verbal (oral e escrita).

Uma proposta de ensino com base na reflexão sobre o funcionamento da língua não elimina o ensino das estruturas, isto é, a sintaxe. Mas esse ensino deve acontecer de forma contextualizada, cuja proposta é trabalhar a gramática através de atividades que contemplem o aspecto linguístico no uso efetivo da língua. Sobre isso, podemos citar Travaglia (1996, p. 109):

A proposta é trabalhar a gramática numa perspectiva formal mais ampla, na dimensão do funcionamento textual-discursivo dos elementos da língua, uma vez que a língua funciona em textos que atuam em situações específicas de interação comunicativa e não em palavras e frases isoladas e abstraídas de qualquer situação ou contexto de comunicação.

Travaglia ainda defende que a reflexão no ensino da gramática é fundamental importância para entender a organização e funcionamento da língua:

Aprender a língua, seja de forma natural no convívio social, seja de forma sistemática em uma sala de aula, implica sempre reflexão em torno da linguagem, formulação de hipóteses e verificação do acerto ou não dessas hipóteses sobre a constituição e funcionamento da língua. (TRAVAGLIA, 1996, p.107).

A partir dessa perspectiva, observamos que para o autor, um ensino de língua deve tomar as categorias gramaticais não como um fim em si, mas como meio, como suporte básico para reflexões metalinguísticas de maior alcance, pois aprender uma língua, seja de forma sistemática, numa sala de aula, ou de forma natural, implica sempre reflexão sobre a sua constituição e seu funcionamento, por isso, defendemos que a reflexão é fator fundamental para aprender a língua e compreender seu funcionamento.

A sintaxe, por sua vez, como parte da teoria linguística, nos permite compreender a língua, seus arranjos constitutivos e seu funcionamento. Essa visão de língua e ensino contrapõe-se a perspectiva tradicional de caráter eminentemente estrutural, registrada nos LDs (livros didáticos) desde as primeiras décadas do século XX. Nesta perspectiva, ensinar

português era ensinar gramática, isto é, fazer com que os alunos conhecessem o sistema linguístico através de análises de estruturas linguísticas, desvinculadas de contextos de uso.

No ensino de língua portuguesa, o ensino da gramática deveria levar os alunos a refletir sobre suas práticas de linguagem. Neste sentido, articular a gramática sistemática aos textos se faz necessário no ensino da gramática a fim de evidenciar aos alunos a função do estudo gramatical que é contribuir para a aprendizagem da língua. Assim, por exemplo, as aulas de sintaxe deveriam privilegiar as relações de sentido que as construções linguísticas estabelecem em relação a produção textual, considerando sua função e não apenas a sua classificação sintática, fazendo com que os alunos percebam porque os falantes, dependendo da situação comunicativa escolhem certas construções linguísticas em face de outras.

Ensinar a gramática de uma língua com outra finalidade que não esta torna-se sem sentido seu estudo. Por isto, consideramos importante tomar a língua como objeto de reflexão, a fim de que o aluno conheça o seu funcionamento em situação de interlocução. A busca de um ensino reflexivo acerca da descrição do funcionamento da língua constitui um dos suportes teóricos mais necessários de que o professor pode se valer para o ensino de língua materna, sobretudo, no ensino da sintaxe.

5 – SINTAXE E TEORIA DOS GRAFOS

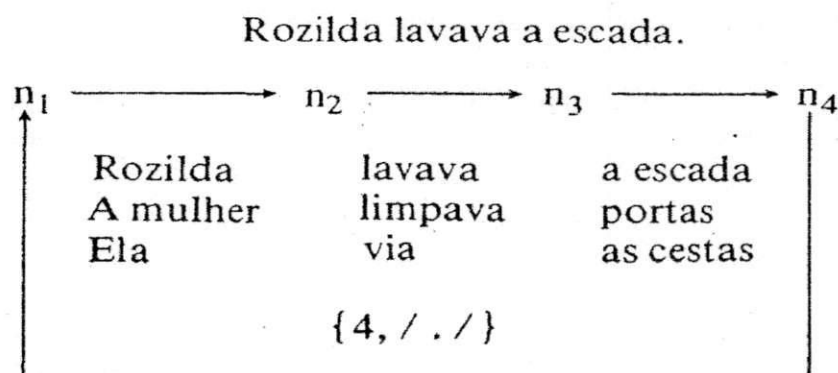
A Teoria dos Grafos é parte integrante dos estudos relacionados à Sintaxe Estrutural. Essa teoria é um ramo da matemática que estuda as relações entre objetos de um determinado conjunto. No âmbito da Linguística, essa teoria estuda a estrutura frásica possibilitando uma visão conjunta das relações sintáticas.

É uma teoria pouco estudada no Brasil e pouco conhecida pela maioria dos professores. Dessa maneira, sua aplicação ao ensino da sintaxe é praticamente ausente. Esta teoria contribui de forma significativa para o ensino da sintaxe, uma vez que possibilita uma melhor compreensão das construções frásicas da língua, através das representações das estruturas dos sintagmas. Os grafos, dessa forma, permitem uma melhor visualização de como os constituintes sintáticos são organizados na sentença.

Um grafo é uma figura formada por linhas (seus lados e arestas) e pontos (chamados vértices ou nós). Os grafos representam estruturas, tornando possível, por isso, a descoberta de analogias estruturais entre os diferentes fenômenos. São vários os tipos de representação gráfica. Cada modelo corresponde a propostas de determinados linguistas, como Tesnière, Hockett, Chomsky e outros. A linguística estrutural tem se servido de vários aspectos da teoria dos grafos para representar as estruturas linguísticas. Apresentamos a seguir alguns tipos de representação gráfica, segundo Borba, mostrando as implicações pedagógicas para o ensino da sintaxe.

5.1 Grafo de Trajetória Cíclica

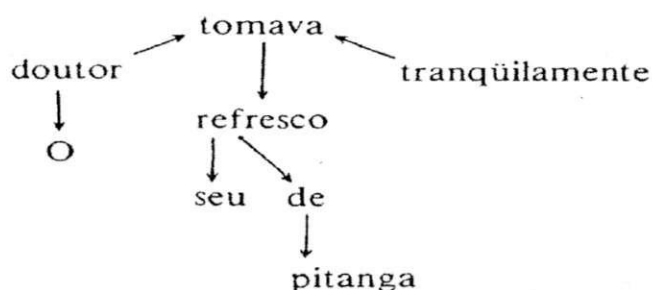
Esse grafo serve para mostrar o processo gerativo de uma oração, sendo que cada arco (lado dirigido) representa uma fase do processo.



O grafo acima serve para mostrar também diferentes sequências de construções. Observa-se que os vértices estão conectados em uma rede fechada cuja estrutura é composta de N1: sujeito; N2: verbo; N3: objeto e N4: toda a construção. Esse grafo constitui uma implicação pedagógica positiva para o ensino, uma vez que leva o aluno a conhecer o processo de construção de uma oração, dos seus termos constitutivos.

Há os grafos dirigidos com vértices em diversos graus e arestas convergentes ou divergentes que são utilizados na representação de estruturas oracionais diversas, sem necessidade de especificação de fatores gramaticais. Exemplo:

O doutor tomava tranqüilamente seu refresco de pitanga.

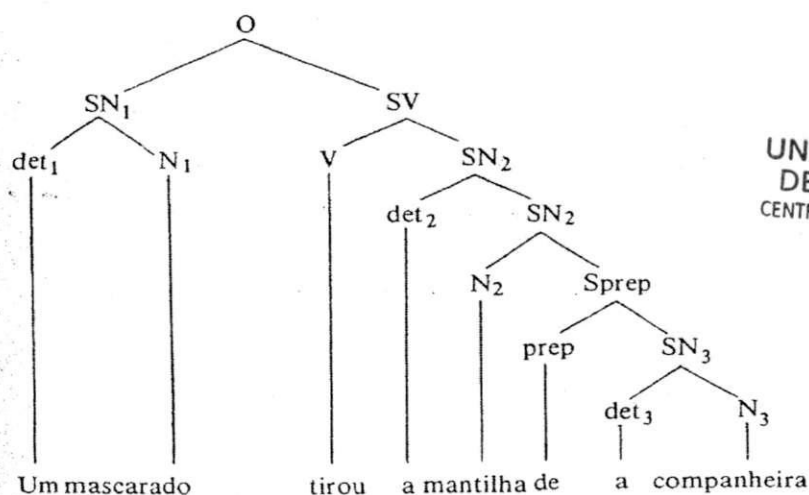


A não necessidade de especificação de fatores gramaticais constitui uma implicação pedagógica negativa, pois em se tratando de sintaxe é relevante a explicitação de fatores gramaticais na organização sintática.

5.2 Árvores

A árvore é um grafo associado, não cíclico, em que cada par de nós diferentes se unem pelos lados.

(157) "Um mascarado tirou a mantilha da companheira."
(A. Machado, *O.P.*, p. 55)



UNIVERSIDADE FEDERAL
DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
BIBLIOTECA SETORIAL

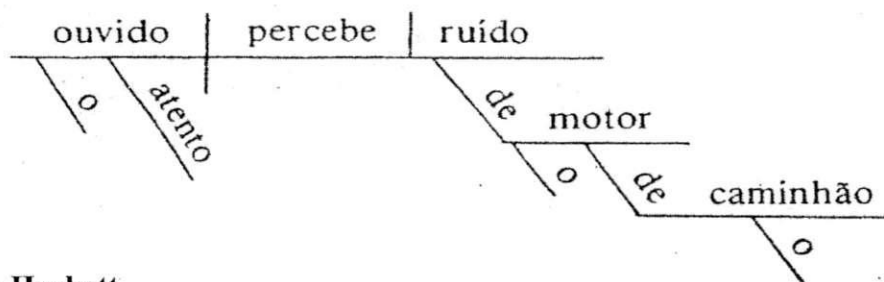
UNIVERSIDADE FEDERAL
DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES

O sistema de grafos permite visualizar a estrutura frásica possibilitando também uma visão conjunta das relações sintáticas (BORBA 1979, p. 147). As análises linguísticas de cunho tradicional tem utilizado pouco essa técnica. No entanto, sua utilização seria de grande valia para os estudos sintáticos, pois além de trabalhar com as funções, as árvores possibilitam um estudo morfossintático dos sintagmas. Além disso, as árvores permitem uma visão bastante nítida das relações e da hierarquia dos constituintes oracionais. Essa técnica foi bastante utilizada por Chomsky no intuito de explicar a gramática dos falantes, isto é, sua competência. Chomsky, através desse modelo, procura caracterizar a análise linguística em termos de uma teoria gerativa, apresentando uma gramática de estrutura de constituintes.

5.3 Diagramas

Os diagramas se constroem com linhas horizontais, vértices e inclinadas, cheias e pontilhadas, em combinações figurativas várias para indicar funções e relações sintáticas nas mais variadas estruturas. O X indica ausência e os parênteses (), elipse.

“O ouvido atento percebe o ruído do motor do caminhão.”
(T.B., p. 166)



5.4 Caixa de Hockett

(171) Romilda descansou a cabeça no peito do marido.

				o	marido
				do	marido
			no peito	do	marido
		a cabeça	no peito	do	marido
	descansou	a cabeça	no peito	do	marido
Romilda	descansou	a cabeça	no peito	do	marido
Romilda	descansou	a cabeça	no peito	do	marido

Na figura acima cada compartimento mostra um componente e a hierarquia é visualizada em sentido vertical de baixo para cima ou vice-versa. Essa técnica permite uma visão bastante nítida das relações e da hierarquia dos constituintes oracionais, portanto, constitui uma implicação pedagógica para o ensino da sintaxe.

Essa técnica foi apresentada por C. F. Hockett. Trata-se de uma representação gráfica das estruturas frasais em seus constituintes imediatos. É uma das representações mais usuais da estrutura dos constituintes imediatos. Cada compartimento da representação mostra um componente e a hierarquia é visualizada em sentido vertical de baixo ou vice-versa. Essa técnica contribui de forma significativa para o ensino da sintaxe, pois através dela os alunos compreendem como se organiza uma estrutura frásica a partir dos seus constituintes imediatos. Essa técnica coaduna-se com a proposta de Perine (2004) que revela semelhança com a análise em constituintes imediatos, a partir do conceito de sintagma.

Segundo Borba, o Estruturalismo contribui de forma positiva para os estudos da linguagem, uma vez que possibilitou à Linguística tratar de forma objetiva dos dados e fatos, através da observação e, por ocupar-se da realidade linguística contribuiu para enfraquecer ou anular a autoridade dos gramáticos que, senhores do idioma, ditavam regras do bem falar e escrever. Outro aspecto positivo é que o estruturalismo assegurou critérios para análise, sempre fiel ao princípio de que se deve investigar a relação entre significação e expressão. Entretanto, Borba reconhece que o Estruturalismo, enquanto método aplicado à análise de línguas naturais, está sujeito a limitações e críticas ligadas a seus pressupostos epistemológicos e a suas posições práticas ou meramente operacionais.

Para o autor (op. cit), em sintaxe há posturas que, se não estão erradas, são pelo menos, enganosas. Questiona se a sintaxe seria uma disciplina autônoma ou se as relações entre as unidades na cadeia da falada podem ser descritas em termos puramente sintagmáticos. Segundo ele, os distribucionalistas operam diretamente com morfemas e analisam as sequências em suas relações sintagmáticas e, assim, não distinguem entre morfologia e sintaxe. No entanto, critica os distribucionalistas pela prioridade dada à sintagmática em detrimento do eixo paradigmático e julga mais coerente a posição dos glossemáticos que procuram demonstrar equilíbrio entre os dois eixos, formulando o conceito de Morfossintaxe que abrange não só a posição e o funcionamento das palavras na oração, mas também as alterações de sentido provenientes do contexto. Assim, a Morfossintaxe é uma disciplina que trata das implicações morfológicas e da sintaxe e vice-versa.

6 – CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após os estudos de sintaxe apresentados por Borba (1979), é possível dizer que a sintaxe caracteriza-se como um aspecto dos estudos da linguagem no qual o objeto de estudo – a linguagem é analisada dentro de um determinado contexto em que os sintagmas são observados e analisados de acordo com sua disposição na oração, no período, no texto, ou seja, no contexto em que estão inseridos.

Podemos dizer ainda que a sintaxe é o aspecto dos estudos da linguagem que envolve e exige do falante e/ou escritor um conhecimento prévio de outros aspectos da linguagem, tais como semânticos, morfológicos, estilísticos, fonéticos e fonológicos, que serão de grande valia para um estudo sintático mais efetivo. Diante disso, não podemos restringir o estudo sintático ao plano das palavras, dos lexemas de forma isolada, nem tão pouco nos prender a classificações rígidas que não levem em consideração a construção sintática, o contexto discursivo em que tais construções estão inseridas.

No tocante ao ensino, podemos verificar que a sintaxe é trabalhada de forma mecânica e descontextualizada dos usos reais da língua. Nesse sentido, a língua é vista apenas como código, em que o centro é puramente a estrutura da língua, a partir de frases e orações descontextualizadas, cujo objetivo é a classificação dos seus termos. Para uma sintaxe coerente e produtiva é necessário levar em consideração a diversidade de combinações e a versatilidade da língua que admite diferentes formas de construção do discurso de acordo com a sintaxe do agente/falante, que pode dispor dos mais diversos artifícios para a construção de sua linguagem.

Diferente da postura formalista, o funcionalismo procura explicar as regularidades da língua e as condições sob as quais as pessoas as usam, considerando os falantes, suas intenções e a situação comunicativa. Trabalhar a sintaxe sob este viés implica entre outras coisas: a) reconhecer a língua como veículo de participação social e geradora de significação; b) reconhecer não só as estruturas gramaticais, mas também as respectivas funções que lhe são atribuídas na construção de significado; c) considerar a pragmática, o lugar onde se devem estudar a sintaxe e a semântica. Por essas considerações, observamos que a visão funcionalista está voltada para a competência linguística e discursiva dos falantes, por essa razão, julgamos ser a maneira mais adequada de se trabalhar a sintaxe, uma vez que atenta para a função das expressões linguísticas, reconhecendo o caráter dinâmico da língua.

Estudar a língua implica ainda reflexão. Abordar as particularidades linguísticas a partir de um ensino reflexivo leva o aluno não só explicitar fatos pertencentes à estrutura e funcionamento da língua em que irão reconhecer os constituintes das orações e a função de cada um dos seus termos, como também desenvolver a competência linguística discursiva. Nesse sentido, a reflexão tem um papel primordial no ensino da gramática no intuito de fazer com que os alunos conheçam sua língua em vários níveis. Neves sobre isso afirma:

Privilegiar a reflexão é exatamente a razão de se preconizar um tratamento da gramática que vise ao uso linguístico. Não apenas o estudioso da língua portuguesa, mas também o falante comum, conduzido na reflexão sobre o uso da linguagem, vai poder orientar-se para a utilização eficiente dos recursos do processamento discursivo, e, a partir daí chegar a uma sistematização dos fatos da língua legitimada pelo efetivo funcionamento da linguagem. (NEVES, 1997, p. 240)

Nesse sentido, refletir sobre a língua significa estudar sua sintaxe, não só observando os paradigmas, mas os possíveis efeitos de sentido decorrentes das estruturas empregadas num determinado contexto discursivo. Essa concepção de gramática coaduna-se com a proposta dos Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1999, p. 139) que adotam a concepção de linguagem em seu caráter sócio-interacionista, basicamente centrada no texto. Infelizmente, a relação: texto e gramática não tem sido bem assimilada pela escola.

Assim, o trabalho com a sintaxe deve ser feito concomitante à reflexão, com vistas à produção textual, em detrimento dos exercícios tradicionais baseados em classificações de frases descontextualizadas. Uma reorientação na maneira de tratar a gramática, mais precisamente a sintaxe, aponta os primeiros passos de lento processo de mudança no ensino com vistas a potencializar a competência comunicativa do aluno.

É levando em conta tal pressuposto que os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) defendem como objetivo do ensino de língua materna o desenvolvimento da competência discursiva do aluno. Além de se partir da língua em uso, os Parâmetros Curriculares Nacionais consideram a importância de se tomar a língua como objeto de reflexão, a fim de possibilitar ao aluno produzir categorias explicativas de seu funcionamento, visto ser na prática de reflexão sobre a língua e a linguagem que pode se dar a construção de instrumentos que permitirão ao sujeito o desenvolvimento da competência discursiva para falar, escutar, ler

e escrever nas diversas situações de interação. Dessa maneira, nos Parâmetros Curriculares de Ensino Fundamental, os conteúdos estão divididos em dois eixos: o do uso e o da reflexão.

Ao longo do tempo, pudemos perceber como a perspectiva tradicional é insuficiente para interpretar e explicar os fatos sintáticos e, sobretudo, contribuir para o desenvolvimento da competência comunicativa dos alunos. Diante disso, defendemos um ensino que valorize o aspecto funcional e semântico vinculado à estrutura da língua, pois não se pode estudar sintaxe sem a referência semântica.

No início deste trabalho, fizemos menção à desconfiança dos alunos quanto a importância do ensino – aprendizagem de sintaxe. Ao longo do trabalho, apontamos a necessidade de se trabalhar a sintaxe, considerando o aspecto pragmático da língua. Apresentamos os conceitos fundamentais de sintaxe e mostramos em linhas gerais as abordagens estruturalista e funcionalista. Tratamos de considerar a sintaxe estruturalista como singular para o ensino formal de língua portuguesa. Quanto ao modelo funcionalista, não nos aprofundamos na aplicação dos princípios desta corrente teórica, limitamo-nos a uma abordagem de ideias gerais que norteiam os estudos funcionais, segundo os quais os fatores pragmáticos devem ser inseridos, quando da explicação da língua em uso.

Negamos a suficiência normativa nos estudos gramaticais e acreditamos ser possível realizar atividades que conduzam os alunos a refletir sobre os fenômenos linguísticos, defendendo a ideia de que o objeto de análise deve ser a sentença, mas, desde que situada num contexto discursivo, atentando-se para fatores como os interlocutores, a intenção comunicativa, enfim a interação entre a forma e a função, com base no pressuposto de que a primeira é influenciada pela segunda. Só assim faz sentido estudar a organização da língua.

Neste trabalho ainda fizemos conhecer o que é e como se manifesta a teoria dos grafos e suas implicações pedagógicas para o ensino formal de sintaxe, tendo em vista o que consideramos importante para o trabalho do professor, mediador do conhecimento sobre a língua em contexto de interação com os alunos.

Procuramos, através da Teoria dos Grafos, apresentar diferentes parâmetros de análises sintáticas. Acreditamos que esta teoria tem um grande potencial para o ensino da sintaxe, pois possibilita desenvolver uma série de habilidades importantes, tais como analisar as estruturas linguísticas, conhecer suas relações e levar os alunos a refletir sobre o sistema e o funcionamento da língua, através de frases contextualizadas, a partir de textos.

Diante do exposto, acreditamos que é possível realizar trabalhos que conduzam nossos alunos a refletirem sobre os fenômenos linguísticos, defendendo a ideia de que o objeto de análise deve ser a sentença, mas estudada a partir de um contexto, atentando-se para fatores como interlocutores, a intenção e situação comunicativa. Tal visão é bem mais produtiva do que levar o aluno a mera identificação e classificação de termos frasais. Por isso, acreditamos que a gramática é de grande valia na medida em que passa a ser uma estratégia para a compreensão e interpretação de como a linguagem se manifesta nas diversas situações discursivas.

Enfim, nosso trabalho buscou refletir sobre a maneira como a sintaxe vem sendo trabalhada nas aulas de língua portuguesa, visando apresentar uma nova forma de se trabalhar a gramática no intuito de fazer com que os alunos façam um melhor uso da linguagem, a partir de métodos inovadores que privilegiem os aspectos estruturais e funcionais da língua.

REFERENCIAL BIBLIOGRÁFICO

Antunes, Irandé. **Aula de português: encontro e interação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

AZEREDO, J. C. (1995). **Iniciação à sintaxe do português**. Rio de Janeiro, Zahar.

BORBA, F. da S. **Teria sintática**. São Paulo: Edusp, 1979.

BRASIL. Ministério da Educação & Secretaria de Educação Média e tecnológica. *Parâmetros Curriculares nacionais – ensino médio*. Brasília, DF: Ministério da educação, 1999.

CÂMARA, Jr.J.M. **Dicionário de linguística e gramática**. Petrópolis: Vozes, 1977.

PERINI, Mário A. **Gramática descritiva do português**. São Paulo: Ática, 2004.

TRAVAGLIA, L. C. **Gramática e Interação: uma proposta para o ensino de gramática no 1º e 2º graus**. São Paulo, Cortez, 1996.

MARTELOTTA, Mário Eduardo; AREAS, Eduardo Kenedy. **A visão funcionalista da linguagem no século XX**. In: FURTADO DA CUNHA, M. A.; OLIVEIRA, M. R.; MARTELOTTA (Orgs.). *Linguística funcional: teoria e prática*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

NEVES, M. H. de M. **A gramática funcional**. 1. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

_____. *Secretaria de Educação Média e Tecnológica. Parâmetros curriculares nacionais: ensino médio/língua portuguesa/*. – Brasília: MEC; SEMTEC, 2002.

PERINI, Mário A. **Gramática descritiva do português**. São Paulo: Ática, 1996

ORLANDI, Eni Pulcinelli. **O que é linguística**. São Paulo: Brasiliense, 2007.